

Entrevista

FERNANDO VENÂNCIO

**No Rossio, Café Nicola, uma viagem no tempo na companhia de
Fradique Mendes**

**In Rossio, Café Nicola, a journey through time in the company of
Fradique Mendes**

Eduardo Gonzales Moreira*

Introdução

A entrevista apresentada tem como objetivo colocar em discussão as impressões e o trabalho de Fernando Venâncio sobre a notável personagem queirosiana, Fradique Mendes. Há aqui uma descontraída conversa principalmente sobre toda ficção de efabulação sobre a personagem proposta, principalmente o livro do próprio entrevistado, **Os esquemas de Fradique**.

Fernando Venâncio é um escritor português, intelectual, crítico literário e acadêmico. Atualmente, tem nacionalidade holandesa. É autor e colaborador regular de revistas de prestígio como o **Jornal Literário**, **Ler e Colóquio/Letras**, trabalha como crítico literário. Ele também publica no jornal **Expresso** e na revista **Visão**. Até março de 2008, foi colaborador regular do blog coletivo Aspirina B.

Suas obras são as seguintes:

- **Uma migalha na Saia do Universo**, 1997
- **Estilo e Preconceito. A Língua Literária em Portugal na Época de Castilho**, 1998 (Tese de Doutorado, publicada pelas Edições Cosmos);
- **Um Almoço de Negócios em Sintra**, 1999 (translation of the work by Gerrit Komrij);

* Mestrando- USP. E- mail: edumoreira@usp.br

- **Os Esquemas de Fradique**, 1999;
- **Jose Saramago: A Luz e o Sombreado**, 2000;
- **El-Rei no Porto**, 2001;
- **Maquinações e Bons Sentimentos**, 2002;
- **Ensaio Literários**, 2002;
- **Quem Inventou Marrocos: Diários de Viagem**, 2004;
- **Último Minuete em Lisboa**, 2008.

Em um dia nublado, 11 de janeiro de 2011, terça-feira, após conhecer a cidade-branca, tive a feliz oportunidade de entrevistar o autor da obra **Esquemas de Fradique**, o prof. Dr. Fernando Venâncio. Marcamos às 16 horas em um dos cafés mais tradicionais da cidade, o Café Nicola, situado no Rossio, área central de Lisboa.

Eduardo Moreira: Fradique Mendes é, sem dúvida, uma das personagens mais enigmáticas da literatura portuguesa, ou posso dizer da literatura mundial, um misto de homem, gênio, pecador. O senhor poderia citar algumas poucas características legitimamente portuguesas que essa personagem carrega, e se carrega?

Fernando Venâncio: Eu creio que uma das graças da figura é que exatamente tem muito pouco da figura do português. Alguém que acumula durante a sua vida várias existências. É impossível alguém que tenha existido ou que pudesse fisicamente fazer tudo o que ele fez. Nem viveu muito, creio que ele morreu com cinquenta e poucos anos, e, no entanto, ele teria visitado praticamente tudo no mundo, menos a África austral, onde o Agualusa o leva, e eu creio que também não o Brasil. Nesse sentido, o Agualusa ainda junta a impossibilidade que o Eça descreve com outra impossibilidade. Alguém que visitou quase o mundo inteiro, que contactou com toda a gente importante que havia no mundo, que leu tudo o que havia de importante pra ler, o que é muito, que aprendeu uma porção de idiomas, e que ainda tinha tempo para a sua existência de dândi, com as suas aventuras, com seus esportes. É um personagem impossível de existir, e, nesse sentido, ele poderia no máximo ser um

inglês com umas tintas francesas, tintas de italiano, mas português muito pouco. Eu não tenho a certeza do que vou dizer, mas podíamos suspeitar que o Eça fez dele alguém que exatamente não poderia ser português. E, no entanto, era português. Honra-nos muito. Fradique seria o melhor de nós. O melhor no sentido neutro, portanto, a melhor parte de nós, e também o melhor do indivíduo português pensável. E talvez essa não só possibilidade de ele existir como pessoa, mas também a sua não portugalidade, talvez tudo isso faça parte do jogo mental que o Fradique é. É um jogo mental do Eça. A quem entre pela simbologia e diga que é uma espécie de descompensação do Eça, que sempre teria tido um complexo de inferioridade, ao ser um filho ilegítimo. Não é necessário entrar pela simbologia. A construção daquela figura genial, ou melhor, a genial construção daquela figura já enche todas as medidas.

E. M.: O senhor acredita que o fato desta personagem ter sido criada tendo como forma o gênero epistolar, isso deu margem para as efabulações. Ou seja, o senhor acredita que o caráter lacunar temporal da carta pode ter também promovido isso?

F. V.: Eu creio que você tem uma intuição formidável ao fazer a ligação entre o caráter lacunar da carta e a figura de Fradique Mendes. Eu acho que nunca ninguém fez essa conexão. Meus parabéns! Digamos que escrever em cartas é talvez a maneira mais fácil de fazer ficção. É uma impressão muito forte que tenho, e tenho-a há muito tempo. Se alguém não soubesse como escrever um romance, nós poderíamos dar-lhe o conselho: “escreve cartas. E faça por essas cartas o romance”. A carta presta-se muito a efabulação. Isso é uma convicção muito forte minha, mas eu não sei racionalizar a questão. Mas é mais fácil pra efabular inventando uma carta do que inventando um episódio. A sua intuição é também valiosa no sentido da própria figura do Fradique, de que nunca se poderia dar uma ideia genérica e atender por completo. Claro que o prefácio que o Eça escreveu sobre Fradique Mendes, que é um autêntico romance, que ele chama **Notas e comentários**, uma coisa assim, que é a vida de Fradique Mendes, isso é uma biografia, simplesmente é uma biografia dos contatos entre eles. Porque naquilo que o Fradique fez, naquilo que ele viajou, naquilo que ele empreendeu, o Eça é muito estérico, dá exemplos

picantes, exemplos que falam a imaginação, mas não aprofunda, ele não investe em uma viagem concreta, numa iniciativa concreta. A única viagem que eu lembro que é contada com pormenores nessa introdução é a viagem ao oriente, que o próprio Eça fez. Portanto, quando Eça e Fradique contactam, Eça esteve nessa informação, nos episódios. Quanto à própria biografia do Fradique, só Fradique, nós só sabemos coisas muito pequenas, fez viagens, contactou com muitas pessoas, não foi ao Brasil, não foi à África Austral e, portanto, há imensas lacunas na biografia de Fradique Mendes, só Fradique Mendes. E, portanto, o gênero epistolar se enquadra muito bem com essas lacunas, mas uma vez a sua intuição. E há uma pergunta que você me fez e que aqui já te dou uma resposta. Exatamente esse tipo de vida pouco preenchida permite a continuação da ficção. O Eça não tinha a mínima ideia do que poderia fazer com a figura de Fradique. E repare que a ficção já começa muito cedo. Poucos anos depois da morte do Eça, em 1900, eu creio que em 1908 aparece já a primeira edição. Eu acredito que no livro faço referência a ela, e se não faço no livro, faço em todo caso naquele livro chamado **Objetos Achados**, onde está um capítulo sobre ficção sobre Fradique Mendes. E aí eu indico a primeira edição feita por um tal João Chagas, que em 1908 escreve uma carta do filho de Fradique Mendes. É a primeira ficção pós-queirosiana.

E. M.: Um discurso em camadas, acredito que há até se chegar ao último Fradique. Um personagem que é formado pelos discursos de vários autores. O senhor acredita que há uma coerência no processo de formação dessa personagem no decorrer do tempo?

F. V.:- Eu tenho impressão que sim. Não sei se por casualidade ou por uma razão intrínseca da figura. Se há alguma coisa em comum entre todas essas ficções pós-ecianas, ou pós-queirosianas, é realmente o fascínio que a figura recolhe, concita, estimula, cria. Algumas ficções são melhores do que outras, por exemplo, a ficção daquele livro O último filho, ou O primeiro filho de Fradique Mendes é relativamente fraca. Mas foi construída por um rapaz aos 16 anos. Eu posso lhe dizer também, eu conheci esse senhor, já com alguma idade, possivelmente após o ano 2000, 2001 ele tomou contacto comigo, eu nesse momento não tenho contacto algum com ele, mas ele conseguiu o meu contacto e falamos. Bem, mas uma coisa não tem nada a

ver com a outra, isso não é ficção, isso é realidade. O autor desse livrinho existiu porque eu posso testemunhar, o resto não tem importância nenhuma para o caso. O que tem importância neste caso é dizer que o autor era muito jovem, e aos 16 anos as capacidades de efabulação não são as mais fortes. Isso pra dizer que há muitas diferenças na efabulação da figura de Fradique. Isso cria diversidade, talvez isso também possa ser uma vantagem, não sei. Mas o que há é sempre esse gosto imenso de pegar nessa figura e continuar a dar-lhe vidas. Agualusa tem um lado biográfico, digamos; dá a ele uma determinada existência, um determinado tipo de existência do Fradique. Mas as outras histórias acontecem já depois da morte de Fradique. E mesmo o meu romance só tem Fradique mesmo ao princípio como acompanhante daquela princesa que vem visitar Portugal, não estou agora a me lembrar o nome dela, mas isso é real, o Fradique a acompanhar é ficção. Digamos que há o Fradique ainda vivo, e a o Fradique que já não vive histórias da sua existência. No primeiro caso do filho, no segundo caso do Agualusa uma filha, e no meu caso um neto e uma neta.

E. M.: Especificamente o Fradique de Agualusa, a meu ver, é tomado de empréstimo com o objetivo de transgredir o Fradique queirosiano, mostrando uma outra face deste ser. A meu ver ao mesmo tempo em que transgride, homenageia e até mesmo fortalece o Fradique queirosiano, pois somente essa personagem poderia ter força, coragem e excentricidade o suficientes para se aventurar na Europa, na África e no Brasil. O que o senhor pensa sobre isso?

F. V.: O que eu penso sobre isso é que sua pergunta é perfeita. E eu não poderia responder melhor do que repetir o que você disse. E que podemos ser muito rápidos. Eu acho que você tem também uma intuição magnífica e que só ganha em desenvolvê-la.

E. M.: O senhor acha que Fradique Mendes pode ser um bom “garoto propaganda”?

F. V. : Você tem como me explicar o que é um garoto propaganda?

E. M.: Seria aquele que defenderia ideias, por exemplo, um Fradique que sai da Europa, vai pra África, e na África ele percebe como a coisa verdadeiramente acontece. Eu percebo que em Agualusa nós temos até mesmo um Fradique bastante sentimental, se apaixona, ele começa a entender a África como ela verdadeiramente é, e o Agualusa usa essa personagem no sentido de demonstrar, de desmistificar uma imagem de África. Então é um garoto propaganda no sentido de que Fradique é usado pra mostrar ao público que a África é, ou pode ser, muito mais do que aquilo que as pessoas acham que é.

F. V.: Sim, sim. E isso envolve de outra maneira para a parte brasileira no seu espelho, no seu espelhamento, na questão da escravatura. Como propagandista e antiescravagista, ele é realmente um homem de causas, ele é realmente garoto propaganda, que é igual ao homem de causas. Bom, bom, ele é realmente. E ele está muito bem apanhado, digamos, pelo Agualusa porque nessa altura o Brasil vivia essa questão da viva e efervescente, e portanto, deixe-me ver, a lei é de 1888? Eu não sei exatamente de que ano é o Fradique, mas verifique isso. Portanto eu não sei se há no Fradique de Eça alguma ligação, ou alguma tomada de posição quanto à escravatura, mas verifique essas datas pra ver se o Fradique pode ter sido testemunha já na Europa do fim da escravatura no Brasil. É necessário ver essa questão das datas, em todo caso na altura em que ele está no Brasil, a questão está na ordem do dia e o fato de ele tomar posição faz da história do Agualusa uma história muito verdadeira, muito autêntica.

E. M.: O senhor acredita, assim como eu, que o mote Fradique Mendes é inesgotável? Também por se tratar, de certa maneira, de um personagem moderno e principalmente mutável?

F. V.: Sim, estou totalmente de acordo. Eça construiu de maneira que ele é inesgotável. Temos um ponto de vista positivo e um ponto de vista negativo. Do ponto de vista negativo digamos que Eça não o descreveu totalmente, deixou muita margem à imaginação e à imaginação posterior, mas também do ponto de vista positivo no sentido de que ele foi criado sobre uma fórmula inesgotável. Ele é construído pra ser inesgotável, pra reunir realmente toda a humanidade, toda a

possibilidade do homem culto da segunda parte do século XIX. Ele é uma espécie de enciclopédia, tanto naquilo que faz como naquilo que conhece. Realmente tudo o que fez é importante. Ele contactou com pessoas importantes, ele reúne toda a humanidade, toda a sede da humanidade em potência, e nesse sentido o molde de que ele foi feito, a fórmula Fradique Mendes é inesgotável. É a inesgotabilidade.

E. M.: Como seria o Fradique do futuro?

F.V.: O Fradique, ao ser uma personagem irreal, é também uma personagem atemporal. Ele foi construído segundo as referências de que o Eça tinha, que eram aquelas e não outras. Ele está imensamente atualizado, e é o homem do seu tempo também no sentido de que tem acesso a todas as tecnologias de ponta, e essa fórmula também permite imaginar um Fradique sempre na ponta, sempre no último grito, e isso faz parte da sua figura. Ele é uma espécie de figura perfeita, e uma figura perfeita de hoje tem acesso a toda a tecnologia atual, que é o que aconteceu com ele na altura. E, portanto, vejo que ele sempre está com o pé no último desenvolvimento tecnológico, ele está como se ele vivesse no futuro, porque ele vive na tecnologia mais avançada, toda a tecnologia e, digamos, se fosse possível que alguém vivesse nessa tecnologia de ponta ele viveria, na verdade, no futuro. Vamos dizer, uma pessoa que hoje tivesse acesso a toda a tecnologia de ponta, essa pessoa tecnicamente viveria no futuro, seria o mais avançado de todos nós. Portanto, nesse sentido, a fórmula Fradique inclui o futuro, tem um componente de futuro.

E. M.: O livro do senhor, “Os Esquemas de Fradique”, e o livro de José Antônio Marcos, “O Enigma das cartas inéditas de Eça de Queiroz”, colocam a todo o momento a questão entre a tênue fronteira entre realidade e ficção. Essa argumentação faz com que a história de Fradique fique mais provocante?

F. V.: Essa mistura de realidade e ficção é muito convidativa, na verdade é a fórmula da ciência e ficção, ou ficção-científica. Há sempre uma componente atual, portanto, reconhecível, e há uma componente irreal, que é imaginária. Se uma ficção-científica fosse só, só imaginária não funcionaria. Descrever uma guerra mundial de

robôs é pensável, mas não é a melhor ficção-científica. Ora, o Eça, ao construir a figura de Fradique Mendes, ele está a fazer essa mistura que nós diríamos até que tem uma parte ou espécie de atualidade, porque se há coisa que pode dizer-se sobre essa fusão entre realidade de ficção é que é muito pós-moderna. Nesse sentido, tudo o que fez imaginar uma realidade paralela, como é o caso de Fradique Mendes, ele é uma realidade paralela, e não somente ficção, ele não é uma figura de ficção, é uma figura de realidade paralela, porque é um confidente, um amigo, de alguém real, do próprio autor que descreve a história. Portanto, Eça cria uma espécie de biografia paralela a sua, e isso é muito, muito, muito pós-moderno. Uma das características do pós-modernismo é o homem tornar indistinguível, em uma narrativa, a realidade e a ficção. Eça cria uma literatura que está a cem anos de distância, e, no nosso tempo, ainda muito viva e muito explorada até nos romances históricos, que são históricos porque as circunstâncias são reais, mas em que há uma personagem de ficção. E também uma fórmula formidável e é diante dessa fórmula que o Fradique é construído. Diretamente uma pessoa de realidade, uma realidade absolutamente tangível, mas ele de fato não existe.

E. M.: Há algo em comum para o senhor entre “as grandes navegações”, “o sebastianismo” e Fradique Mendes?

F.V.: Essa é muito boa. Digamos que são três grandes invenções portuguesas. E pelo visto os portugueses têm muita capacidade de imaginar. As descobertas foram imaginadas antes de serem realidade, e elas foram acompanhadas de bastante ficção, ou ao invés de dizer ficção podemos dizer narrativa, e há ótimas narrativas das descobertas, por exemplo, a história trágico-marítima e os Lusíadas; isso está entre 1500 e 1572. Digamos que as descobertas portuguesas já foram acompanhadas de narrativas. O sebastianismo é também uma narrativa ideológica, que os portugueses contam a si próprios pra se aguentarem nas adversidades, e no fundo pra não se frustrarem, pra conservarem até um pouco de positividade de sua auto-imagem. Nós estamos em uma situação tremenda, sem nobreza, sem dinheiro, sem rei, mas Sebastião vai voltar, trata-se também de uma narrativa ideológica. O Fradique é também uma narrativa ideológica. Digamos que há uma mensagem subliminar do Eça que é: “nós, portugueses, somos uma desgraça. Péssimo numa

porção de coisas. Mas imaginemos que nós éramos um Fradique”. Fradique recolhe, portanto, tudo aquilo que os portugueses deveriam ser, deveriam poder ser e não são. Eu estou a dizer isso e estou a pensar em outra coisa que tem qualquer coisa a ver com o Eça, aquele, como era amigo do Eça, é o Ramalho Ortigão. Ramalho Ortigão escreveu o livro mais famoso dele, que se chama “A Holanda”, é uma história, uma descrição de viagem de Ramalho a Holanda por ocasião de uma Exposição Universal. Toda a clara intenção do livro é descrever a Holanda como um espelho pra Portugal: “Vejam o que esse país faz, o que esse país consegue”. E é uma visão de direita, uma visão conservadora, Ramalho era realmente uma figura de direita, de uma direita imensamente educada, muito consciente de si e muito orgulhosa de si, e portanto era nesse tempo, nesses anos 80, 90, um caos. E continuou um caos até Salazar. E então para Ramalho apresentar a Holanda, apresentar a ordem que existia na Holanda, o desenvolvimento que existia na Holanda, tudo isso é uma mensagem: “meus caros compatriotas, vejam, este país existe. Esse país é possível aqui. E nesse sentido há o autêntico paralelo entre a Holanda e o Fradique Mendes. Ambas são narrativas ideológicas, com uma intenção civilizadora, educacional muito clara nos dois. E digamos, acho que talvez nunca ninguém tenha feito esse paralelo.

E. M.: Tendo ainda como base a pergunta anterior, nesse Fradique Mendes (e quando digo nesse, levo em consideração o todo, os Fradiques que formam o Fradique Mendes pós-discursos) há espaço para muitas das características portuguesas como o catolicismo, a saudade, e melancolia e até mesmo o medievalismo?

F. V.: Eu creio que não, nele não há, por exemplo, saudade, há uma melancolia, vamos dizer, naquela relação que ele tinha com aquela princesa russa, há alguma melancolia, mas nada de muito particular. E eu creio que não há catolicismo, não creio que ele tivesse essas preocupações religiosas, e também não há medievalismo. Não creio. No máximo, haveria medievalismo como matéria de conhecimento, mas não uma concepção medievalista da vida, não uma nostalgia medievalista. Não, não, ele é um homem absolutamente do seu tempo, e nesse sentido, essas características portuguesas estão ausentes desse retrato ideal

português que o Fradique é. E podemos dizer que isso é tão claro que muito provavelmente é procurado, mesmo que o Eça não esteja totalmente consciente disso, isso é estrutural, vamos dizer, as características mais portuguesas são as mais ausentes em Fradique. Nesse sentido, ele não é a imagem do português real, e mais uma vez, é a imagem de um português ideal. Então, de tal maneira isso é sistemático que tem que haver aí alguma forma de invenção. Pelo menos de divertimento, eu acho que mesmo que o Eça não queira ser pedagogo, pra ele pode bastar divertir os portugueses com essa imagem inacessível ao português normal. E existem cartas que são autêntica crítica social, e crítica social de Portugal. Estou a me lembrar de uma carta, a carta que fala do Pacheco, é uma das cartas mais conhecidas, em que fala de um Ministro português, chamado Pacheco, que não existiu, mas que é a figura perfeita da inabilidade política, da incapacidade política do Portugal Real em que o Eça vivia. Essa é uma carta absolutamente demolidora que dá da classe política brasileira um retrato abominável e impiedoso, sem a mínima misericórdia, e que coincide muito com outros textos do Eça, que fez de crítica social, que são as Farpas, que estão reunidas na Campanha Alegre. Portanto aquilo que na Campanha Alegre é nas cartas de Fradique feito como ficção.

E. M.: Ao meu ver, Fradique nasce contestador e destemido, depois toma ares de garoto propaganda e de personagem muitas vezes sentimental com Agualusa. O seu Fradique, mesmo que ele seja retomado pela lembrança das personagens no romancex, o que é o seu Fradique? Como o senhor definiria a imagem dessa personagem em sua obra, mesmo que o senhor não a tenha criado fisicamente?

F. V.: É um fato. Eu não criei o Fradique. Tem alguma elaboração pós-queirosiana, mas aproveito o mais possível o Fradique já criado pelo Eça. Portanto, não tenho qualquer intenção de explorar a figura do Fradique, porque já havia a exploração queirosiana, e já havia a exploração agualusiana, ou agualusana, e essas são duas criações magníficas. Eu não senti qualquer necessidade de imitá-los nesse sentido. Eu tinha toda uma história atual pra contar. Eu tinha alguma necessidade também de fazer um trabalho de ensaio. Há uma componente de ensaio no meu romance, eu reconheço isso, e isso torna um romance difícil de ler. Vamos dizer, é para os bons

provedores. Isso faz com que o romance nunca poderia ser um *best-seller*. É uma espécie de curiosidade literária. Está muito construído da base de referências literárias, a primeira é logo a figura de Fradique, depois há referências aos meus antecessores, a todos os meus antecessores, com uma porção de interferências de segunda ordem, que não são dos meus antecessores, que são criação minha, mas isso não tem assim grande importância. Quando estou a me dizer isso, lembro-me que há também um elemento meu no Fradique que são os tais esquemas. Uma espécie de diário que ele teria escrito, e isso é realmente uma criação minha, mas também é uma maneira de ficcionar e dar uma espécie de interesse ao romance, mais do que só as aventuras dessas quatro ou cinco personagens principais, tanto o neto e a neta, o próprio narrador, verdadeiramente não sou eu, gosto de escrever sobre um “eu”. Eu gosto muito de contar uma história própria. Claro que não sou eu. Como eu estava a dizer no meu romance há quatro personagens principais, o neto e a neta, depois há o “eu”, e há um amigo dele, aquele Baltazar Turiga, depois há uma personagem próxima ao protagonista que é uma amiga que ele tem pelo ponto de vista profissional e há depois a namorada, são duas figuras bastante apegadas. Portanto, eu inventei essa história dos esquemas, que no fundo não sabe o que são, mas são umas indicações mais ou menos técnicas que o Fradique tinha, e que poderiam servir de base para uma autobiografia do próprio Fradique. Digamos que o meu Fradique é demasiado complexo, e por sua vez é demasiado complexo para o leitor comum. Nunca poderia ser um romance popular, e nem foi essa propriamente minha intenção. Foi mais uma espécie de prolongar o jogo, um jogo magnífico, um jogo fascinante e a minha maneira, não tive outra, e tive sempre muito apoio do meu jovem editor, que foi sempre um grande fã do meu Fradique, desde o começo do livro, desde o absoluto começo do livro porque foi ele que me desafiou pra escrever um romance com o tema Fradique. O Fradique como objeto. Isso é uma coisa que eu estava já a esquecer, mas é verdade. O desafio foi dele. Um jovem realmente, bastante mais jovem do que eu, e que teve a boa lembrança de fazer isso. Ele chama-se Manuel Teixeira da Cruz, eu espero não enganar o nome dele. Não, Manuel Vieira da Cruz. Neste momento ele trabalha na edição. É realmente uma pessoa muito competente no ramo de edição. Editou alguns livros importantes, entre eles o meu romance, mas neste momento acho que abandonou a edição, a edição própria, mas continua a trabalhar nesse momento ligado à editora Guimarães, mas

que nesse momento tem outro nome.

E. M.: Agora uma pergunta específica sobre o romance: No final do seu texto, deu-me a impressão de que Martinho e o colega, ao invés de entrar na sala e incomodar os descendentes de Fradique, vão andar pela cidade, pois bem, a minha impressão foi que era uma data de festa civil, mais especificamente uma comemoração de 25 de abril. Isso realmente acontece?

F. V.: Isso acontece. Trata-se do dia 25 de abril de 1999, no momento em que se comemora o 25 - aniversário da revolução de abril. Mas se vir a data que está no fim do romance. A data é de março. Portanto, há uma impossibilidade metafísica digamos de ele descrever aquela noite antes de ela acontecer. Portanto a essa parte digamos picante de qualquer coisa ser narrada como autêntica antes de se realizar, o que realmente se realizou. Houve na noite de 24 pra 25 de abril de 1999 uma grande festa na praça do comércio, no terreiro do passo, é a mesma coisa, e juntou-se lá uma imensa multidão pra ver fogos de artifício e os dois, o protagonista e o Balto avançam a pé, desde muito longe, com muita gente que em Lisboa, portanto nessa mesma zona, a pé, se dirigiam para uma grande concentração na praça do comércio. Bem, isso é uma espécie de apoteose. Eu quis terminar o romance numa apoteose real. Isso enquanto que na avenida Gago Coutinho, a avenida que vai para o aeroporto, se dá o encontro entre dois fantasmas. E é exatamente porque são fantasmas que os menos fantasmas, protagonista e Balto, não entram em contato com eles. O Balto não os conhece pessoalmente, o protagonista conhecê-os, e apresenta-os ao Balto. Mas deixa-os em sua irreabilidade, eles não interferem, eles reentram na realidade, numa realidade que ainda não se realizou, mas que vai se realizar um mês depois. E, bom, isso é, portanto, um jogo narrativo onde há toda essa relação, todo esse relacionamento complexo entre realidade e ficção. Tudo é ficção, mas alguma é menos irreal do que outra.